

## **CORPOS CONSUMISTAS NA ARTE PANÓPTICA<sup>1</sup> CONTEMPORÂNEA**

Cristina Fonseca Monteiro  
[crifmonteiro@gmail.com.br](mailto:crifmonteiro@gmail.com.br)

<http://lattes.cnpq.br/1431646074605722>

### **O indivíduo e a arte**

O olhar que vê uma obra de arte retoma não apenas aquele autor, mas todo o seu contexto de vida. Do mesmo modo, cada indivíduo traz uma história que vivenciou e chamou de “sua”. Mas cada história individual está inserida em um momento histórico que, arqueado a um arcabouço cultural, localiza e forma aquele ser social.

Convido-lhe a fazer uma analogia do presente com o passado (século XX) em termos de histórico, cultural e bases para o indivíduo. O foco desse olhar será o consumo. Para isso, proponho olharmos como obras de arte. Assim, se o passado nos surge como um quadro no qual o indivíduo se encontrava inserido num contexto seguramente delimitado, o momento atual nos mostra um quadro “vivo”, sem bordas definidas, no qual o sujeito está apalpando-o, insistentemente, para se encontrar. Isso porque constituímos

um tipo de sociedade comprometida com a causa da segurança estável e da estabilidade segura, que baseia seus padrões de reprodução a

---

1 Este “Poder das Sociedades Disciplinares”, se baseou, segundo Foucault, no modelo do Panóptico de Jeremy Bentham (1748-1832), o filósofo utilitarista inglês que idealizou o sistema de prisão com disposição circular das celas individuais, divididas por paredes e com a parte frontal exposta à observação do diretor por uma torre do alto, no centro, de forma que este “veria sem ser visto”. Isto permitiria um acompanhamento minucioso da conduta do detento, aluno, militar, doente ou louco, pelo diretor, mantendo os observados num ambiente de incerteza sobre a presença concreta daquele. Essa incerteza resultaria em eficiência e economia no controle dos subalternos, pois tendo invadida a sua privacidade de modo alternado, furtivo, incerto, ele mesmo se vigiaria. Esse sistema permitiria também um controle externo do funcionamento do Panóptico, pois uma simples observação a partir da torre permitiria a avaliação da qualidade da administração do diretor, sendo ele também vigiado. Essa vigilância se espalhou de modo similar por toda a sociedade em uma rede ramificada além da estrutura física das instituições. Tal distribuição capilar do Poder é um dos pólos fundamentais de controle das massas, potencialmente perigosas à “Ordem”.

longo prazo em comportamentos individuais criados para seguir essas motivações. (BAUMAN apud FÉLIX, 2012).

### **Capitalismo: consumo e consumismo na subjetividade**

Segundo o sociólogo Zigmund Bauman, existem duas fases do consumo capitalista. Se, por um lado, acreditamos que os consumistas apropriam-se de bens pelo conforto, sua principal motivação – que serviu de base para eclodir o consumismo – era o fato de fazer parte de tal sociedade, norteadada pela segurança, pelo ambiente confiável, ordenado, regular, duradouro e seguro, manipulada por estratégias e panópticos de dominação, que fizeram uso da padronização e rotinização do comportamento individual para o exercício de subordinação e disciplina.

No entanto, toda essa estrutura se quebrou, dando lugar a uma outra estrutura que se molda ao próprio indivíduo, à sociedade denominada consumista, à mistura do próprio desejo às demandas capitalistas. É na ruptura de paradigmas que surge a ideia do corpo como conquista e sustentação psíquica. O corpo tomou o lugar da subjetividade construída socialmente.

Nessa perspectiva, a raiz da mudança está na construção da subjetividade. Segundo Rolnik (1997 apud BORIS, G., 2007, p.8), “a subjetividade é o perfil de um modo de ser – de pensar, de agir, de sonhar, de amar etc. – que delimita o interior e o exterior do ser humano.”. Outros autores, como Merleau-Ponty, denominam-na “intersubjetividade”, já que ela acontece no ínterim do sujeito e o meio, na intersecção de algo do indivíduo com algo do outro, que se dá num encontro de experiências.

Corpo e subjetividade são construídos historicamente, e as representações que fazemos da realidade são coerentes ao contexto cultural e histórico, assim como as condutas e reações racionais e emocionais dos indivíduos. Cabe compreender, portanto, que o indivíduo tem uma formação social embutida em todo o seu ser, e que a liberdade de querer ser a si mesmo passa a ter contornos que independem de sua vontade e, inclusive, de sua consciência. Como exemplo, cita Georges Boris

Para o capitalismo, o corpo e a sexualidade devem ser controlados para que se forme um operário dócil, que se submete à sua disciplina. (BORIS, 2007, p.6).

E assim, o corpo passa a ser um meio para um fim, simbolizando a submissão ao sistema vigente. Temos aqui um alerta para pensar que o homem, ao fundir-se ao seu aspecto desejante, volta a ser objeto de desejo do outro. Cita em seu artigo, Luciene Félix, que Zygmunt Bauman, em *Vida Para Consumo – a transformação das pessoas em mercadoria*, aponta que o corpo-mercadoria surgiu quando o consumo baseado no desejo, pela durabilidade e segurança trazida pela nova era capitalista ocupou o espaço do próprio desejo humano. Dessa forma, enquanto o consumo constitui uma característica e ocupação de todos os indivíduos, o consumismo, é um atributo da sociedade.

E foi dessa maneira que nossos desejos, anseios e vontades passaram a sustentar a economia (*oikós* = casa + *nomós* = norma), mediando o convívio humano e tornando-se a principal força motriz de nossa sociedade, pois o ato de consumir passa a ser, ao mesmo tempo, a motivação para o trabalho e o elo social. Isso, pois:

a capacidade profundamente individual de querer, desejar e almejar deve ser, tal como a capacidade de trabalho na sociedade de produtores, destacada ('alienada', o termo aqui empregado não tem conotação pejorativa) dos indivíduos e reciclada/reificada numa força externa que coloca a 'sociedade de consumidores' em movimento e a mantém em curso como uma forma específica de convívio humano, enquanto ao mesmo tempo estabelece parâmetros específicos para as estratégias individuais de vida que são eficazes e manipula as probabilidades de escolha e conduta individuais". (FÉLIX, 2012).

Isto é, o coletivo mais que se sobrepõe: dita o indivíduo 'engolfado' pelo 'Todo'.

### **Mídia: suporte para o capitalismo e para o corpo**

A mídia teve seu brilho ao encaixar-se perfeitamente como um elo na fenda que fora criada entre o ser e seu corpo. Ao propor novas e inesquecíveis experiências,

impunha padrões éticos, estéticos e políticos. Por meio da propaganda e do *marketing*, seduziu os olhos de quem buscava se encontrar no mundo virtual que lhe surgia. Foi mascarando o valor econômico dos produtos ao embrulhar para presente atitudes e estilos de ser e estar no mundo. Por trás da aquisição dos produtos e serviços oferecidos, uma utopia de felicidade e de um novo insaciável, em promessas de autotransformação e uma nova identidade. E assim, os indivíduos acreditavam estarem constantemente incorporando o novo, o belo e o eterno às suas personalidades e às suas vidas. A estética, marcada pelo belo e pela sociedade visual, dava cores e possibilidades àquela disciplina capitalista rígida e sem escolhas.

Vale considerar que, mesmo que exista um discurso mercadológico que se mostre a favor do indivíduo em particular, o consumidor continua a não ser reconhecido como um Eu singular. Dessa forma, assim como o sujeito capitalista goza ao colher individualmente os frutos do que conquista, pois não mais se vê mais como misturado à tela social, igualmente sofre em sua condição solitária ao recorrer repetidamente aos mesmos meios para cessar sua dor.

Isso ocorre, pois, ao termos nossos desejos e necessidades fabricados, perdemos o contato com a nossa subjetividade e tornamo-nos cegos para o detalhe, o que separa o individual do social, o privado do público. Com a busca incessante pela personalidade pela via do consumo, nosso funcionamento passou a ser de mão única (de fora para dentro), e não mais de mão dupla (de dentro para fora e de fora para dentro com modificações de um circuito dialético). Assim, perdemos a consciência crítica e passamos a constituir uma sociedade transformada em um mundo sem oposição.

Aliado a isso, imagens virtuais aumentaram a sensação de poder: a manipulação, modificação e alteração das mesmas, e sua postagem em sites de relacionamento deram ao indivíduo pós-moderno a nítida sensação de ser dono de si mesmo. No entanto, são os meios de comunicação, manipulados a quaisquer distâncias e em quaisquer circunstâncias, que podem colocar qualquer um, em qualquer lugar, de qualquer jeito. A sensação de poder se restringe à ação presente, àquilo que pode ser visto e controlado

pelo clicar no *mouse*. Em contrapartida, a continuidade de seus atos nem sempre estão ao seu alcance, deletando o poder de suas mãos.

### **O indivíduo e a descontinuidade**

Em meio a toda essa descontinuidade que ética e estética anunciaram descarrilar. Se por um lado os olhares ganhavam uma visão divergente, com infinitas possibilidades sedutoras, a ética, enquanto princípio norteador da conduta humana nas esferas filosófica e social, ficou sem lugar, quando a estética alojou-se na subjetividade, estabelecendo formas àquele ser e a todas as suas relações.

As insatisfações do sujeito pós-moderno fizeram-no incessantemente continuar buscando fora o contorno da ferida interna. Tal fenômeno se tornou uma alavanca para a “indústria do corpo” (academias, clínicas de estética, *spas*, revistas etc.), que esculpe o corpo. O sujeito, ao fazê-lo, busca incessantemente encontrar o valor social, bem como dar contornos e formas à subjetividade perdida. E, assim, mesmo sendo um desejo “massificado” ele ocupa o espaço de algum desejo “real” do indivíduo, uma intervenção criativa de si no mundo.

Alguns estudos reforçam tais considerações ao afirmarem que, ao provocar mudanças em seu corpo, o sujeito busca reivindicar uma certeza de sua permanência, diluída pelas sociedades do efêmero. Segundo Nolasco (2006):

no contexto das sociedades cibernéticas e informacionais, as alterações de aparência resgatam o corpo como processo vivo, fazendo-o reaparecer como lugar onde se passa a cena subjetiva. As modificações corporais podem ser analisadas como uma tentativa de pessoalizar o impessoal que perpassa a existência contemporânea. (...) A partir disso, é possível refletir esse domínio do corpo mais como uma estratégia de apropriação do Eu no mundo, do que como um recurso de integração do sujeito a uma estética da superfície. (p.6).

O ato de modificar o corpo confere assertividade ao indivíduo e sensações de continuidade e integração. Momento único em que ele cria uma relação entre a marca deixada pela experiência e a vivência emocional presente, de sentir-se melhorado – já que nesse momento são buscados os enquadramentos aos padrões estéticos e de beleza. A continuidade passa a ser viver a relação e a comparação do instante imediato com o instante anterior e a noção temporal tornou-se falha. O corpo passou a ser a própria vida, tornando-se a morada do “tempo e espaço”.

### **Vivendo sem contornos**

O que mudou em nosso cenário inicial? Trocaram a tela de pintura pela tela virtual. E as bordas, que antes constituíam limites reais, passaram a ser uma esponja de possibilidades... Mas o homem não tem arestas rígidas, nem tampouco é uma esponja... Podemos inferir, portanto, que a rigidez ocupou um espaço no homem capitalista que ele não tem acesso e a vida lhe pareceu mais livre e leve: com trocas, conquistas e moldes a escolher. O que lhe falta é saber resgatar aspectos de si mesmo para a sua construção na experiência (apoderar-se de sua subjetividade) e tal sensação de liberdade é decorrente de sua própria cegueira: estar perdido por dentro e para fora, tateando no vazio, sem contornos notáveis.

A durabilidade cedeu lugar para a insaciabilidade e a imediaticidade. A vida, tal como a paisagem, não tem mais perspectivas. O profundo está atrelado ao superficial, como o fundo à tela. Mas o motivo que impera em sua a pressa é a necessidade de descartar e substituir, assegura-nos Bauman. Entediante, esse enfadonho “viciante círculo vicioso” gera angústia, melancolia e deve ser descartado.

O indivíduo tornou-se supérfluo. E, se sua pressa é, em parte, o impulso de adquirir e juntar, seu objetivo não é ver o cenário montado. Pelo contrário, quer desmontá-lo. O cenário montado mostraria uma torre espelhada e ele poderia, finalmente, se ver.

Seria catastrófico ver-se aprisionado na vitrine capitalista e reconhecer-se sujeito e objeto de seu próprio desejo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESIDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza, v. 7, n. 2, set. 2007. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482007000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 09 abr. 2013.

CROCCO, F. Georg Lukács e a Reificação: Teoria da Constituição da Realidade Social. Em

<<http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/Artigo04.F.Crocco.pdf>>. Acesso em 07 de abril de 2013.

DE SANTIS, R. tr. de SBARDELOTTO, M. A filosofia da rotina. Entrevista com Zygmunt Bauman. Em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/515813-a-filosofia-da-rotina-entrevista-com-zygmunt-bauman>>. Acesso em 07 de abril de 2013.

FÉLIX, L. CONSUMO versus CONSUMISMO Zygmunt Bauman. Em: <<http://www.cartaforense.com.br/conteudo/colunas/consumo-versus-consumismo-zygmunt-bauman/9954>>. Acesso em 07 de abril de 2013.

GOLDIM, J. Ética. Em <<http://www.ufrgs.br/bioetica/etica.htm>>. Acesso em 07 de abril de 2013.

NOLASCO, Sócrates A. Body Modification (BM): o corpo e a experiência de si no contemporâneo. Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza, v. 6, n. 2, set. 2006. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482006000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 09 abr. 2013.

PINTO, P. O Panóptico: Foucault confirma Orwell. Em <<http://www.espacoacademico.com.br/028/28cpinto.htm>>. Acesso em 07 de abril de 2013.

## **SOBRE A AUTORA**

Cristina Fonseca Monteiro é formada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo *Instituto Sedes Sapientiae*. Atuou em diversas áreas da Psicologia. Co-autora do livro *Água, Terra, Fogo, Ar – Crônicas Elementais* – Editora UAPÊ. Atualmente é consultora de treinamento e desenvolvimento pela *Mais Treinamento e Consultoria*, atuando em temas vinculados à Educação Corporativa com treinamentos e palestras *in-company*, tais como: Atendimento, Vendas, Negociação, Liderança, Equipes, Motivação, entre outros.